

O Método Psicanalítico como Abordagem Qualitativa: Considerações Preliminares

Rafael Aiello-Fernandes

Fabiana Follador e Ambrosio

Tânia Maria José Aiello Vaisberg

PUC-Campinas

Resumo: Este artigo parte do reconhecimento de que a dimensão metodológica da psicanálise tem primazia sobre a doutrinária e a terapêutica, conforme a teoria herrmanniana dos campos. Examina o campo da pesquisa qualitativa em psicologia, para defender a idéia de que a psicanálise deve conquistar espaço em periódicos científicos qualitativos, ao lado de outras perspectivas metodológicas, para afirmar-se como abordagem dotada de poder heurístico demonstrável.

Palavras-chave: método psicanalítico, pesquisa psicanalítica, pesquisa qualitativa

Abordamos aqui um tema complexo de modo preliminar, visando iniciar uma discussão que, a nosso ver, é atualmente necessária. Adotaremos um recorte, na tentativa de bem focalizar a questão, pela via da consideração da pesquisa psicanalítica que se realiza no âmbito de programas de pós-graduação *strictu sensu* da área da psicologia, em nosso país. Nossa opção se justifica por dois motivos: pela importância institucional desses programas, no cenário da produção científica nacional e por nossa própria inserção, como integrantes de um Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPq, intitulado "Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção".

Na abertura do importante evento intitulado "Estados Gerais da Psicanálise", realizado no ano 2000, em Paris, Roudinesco mencionou,

com clara deferência, a importância de que nos departamentos e programas brasileiros de psicologia clínica a psicanálise vem encontrando ambiente propício ao seu desenvolvimento (Major, 2003). A nosso ver, esta menção faz jus ao que se pode constatar examinando a produção de teses e dissertações defendidas no país, seja consultando aquelas fisicamente disponíveis nas bibliotecas, seja acessando as mais recentes nos sites das universidades ou da própria Capes. Deste modo constataremos que a produção é expressiva e aborda variadas questões relativas ao conhecimento psicanalítico e ao uso do seu método em contextos institucionais variados.

Entretanto, é oportuno lembrar que a psicologia é oficialmente considerada, no Brasil, pelo Ministério da Educação e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, como ciência humana. Entretanto, esta definição evidentemente não retrata o fato real de se constituir como um saber de fronteira, entre as ciências humanas e sociais e as ciências biológicas. Tal condição gera polêmicas, ora contribuindo ou dificultando o processo de produção de conhecimento.

Durante décadas predominou largamente, no campo da psicologia, um tipo de pesquisa que vem sendo designada como quantitativa, positivista ou objetiva. Trata-se de trabalhos que se aproximam do modo pesquisar característico do campo biológico. Na psicologia, tal perspectiva exige que consideremos a vida humana em termos de "*behaviour*", daí decorrendo uma busca contínua por reduzir, simplificar e abstrair o acontecer humano, com vistas a chegar à enunciação de leis gerais. O objetivo de descoberta de leis universais vincula-se estreitamente com uma relativa desconsideração dos contextos específicos e locais em que ocorrem as manifestações humanas.

As chamadas pesquisas quantitativas visam, basicamente, chegar à percepção de ocorrência de correlações entre eventos. Trabalhamos segundo esta visão quando, por exemplo, investigamos o fenômeno de busca de internação psiquiátrica, adotando um desenho de pesquisa

centrado na análise de conteúdo de questionários abertos, utilizados para a abordagem dos acompanhantes. Esta estratégia, que se apoiou num teste estatístico muito simples e conhecimento, o “qui” quadrado, permitiu-nos perceber que, que, em tempos de escassez de vagas hospitalares, são bem sucedidos em seus intentos os familiares de sexo masculino que apresentam queixas contra mulheres taxadas como agressivas ou refratárias à execução de serviço doméstico. Estas queixas impressionavam, no sentido de convencer o plantonista a conceder a vaga pretendida, tanto psiquiatras de sexo masculino como de sexo feminino (Aiello-Vaisberg, 1986). Este exemplo parece suficiente para mostrar que a visão chamada objetiva pode permitir algumas percepções importantes e até mesmo surpreendentes – no caso citado, organizamos uma metodologia positivista que não pressupunha, de saída, diferenças de gênero entre “loucos” e “loucas”, mas que foi capaz de revelar esta situação de modo claro e confiável.

Contudo, este tipo de pesquisa talvez não seja realmente adequado considerar que este tipo de investigação como estritamente psicológica, e sim como um levantamento psicossocial provavelmente muito útil. Permanece, entretanto, bastante afastado do estudo da experiência humana vivida por indivíduos e grupos, que, a nosso ver, corresponde ao objeto que define a psicologia. De todo o modo, este tipo de estratégia investigativa predominou no campo psicológico até os anos oitenta, quando uma nova visão de pesquisa começou a emergir, no campo das ciências humanas e sociais, como alternativa possível à hegemonia positivista. Referimo-nos, aqui, ao que vem sendo conhecido como pesquisa qualitativa, expressão talvez não muito feliz, que designa investigações intersubjetivas ou compreensivas. Este tipo de pesquisa deixa de tomar o “*behaviour*” como alvo para se concentrar no estudo interpretativo, na compreensão, da ação e da experiência humana (Parker, 2006) segundo um reconhecimento de que esta compreensão exige a consideração dos contextos vinculares, sociais, econômicos, históricos e culturais.

A emergência deste novo modo de fazer pesquisa nas ciências humanas seguiu de perto mudanças importantes do campo social, relativas aos chamados movimentos sociais, por meio dos quais minorias passaram, ao final do século vinte, a reivindicar seus direitos. O caso emblemático talvez seja o movimento feminista, mas há que lembrar a luta pelos direitos das pessoas com deficiências, dos afro-descendentes, dos homossexuais e dos pacientes psiquiátricos, entre outros. Tais movimentos destacaram problemáticas humanas para cujo encaminhamento não contribuía, de modo significativo, o conhecimento produzido pelas pesquisas positivistas. É fácil perceber por que: a abstração dos contextos concretos de emergência dos comportamentos dificulta que a discussão possa ir além do que talvez deva ser denominado como psicofisiologia comportamental.

A pesquisa qualitativa vem se desenvolvendo, internacional e nacionalmente, caracterizando-se pelo fato de exigir a explicitação de pressupostos teóricos pois, diferentemente dos positivistas, congrega pesquisadores que não acreditam na possibilidade de alcance de neutralidade e objetividade, questionando a crença na possibilidade de se produzir uma representação clara e imediata do objeto pesquisado. Rigor, na perspectiva qualitativa, decorre do cultivo da explicitação dos pressupostos e nunca da defesa da possibilidade de desapego total de todo e qualquer pressuposto.

São hoje várias as abordagens metodológicas qualitativas utilizadas: etnografia, fenomenologia, pesquisa-ação, análise de conteúdo, análise de discurso, abordagem narrativa, abordagem sócio-histórica e outras. Ora, do ponto de vista lógico, caberia, evidentemente, incluir a psicanálise entre os referenciais qualitativos, se levarmos em conta o que esta disciplina vem desenvolvendo em termos de conhecimento sobre o ser humano.

Entretanto, a presença tímida da psicanálise nos periódicos internacionais de pesquisa qualitativa e nos manuais importantes, como

Denzin e Lincoln (2005) e na interessante obra de Kirk e Muller (1986), não pode deixar de causar impacto. Se percorrermos os números da revista *Recherches Qualitatives*, da Universidade do Québec, disponível na web desde 1999, ficaremos surpresos ao constatar que não chegam a cinco, em cerca de trezentos, os artigos que fazem uso do método psicanalítico.

Por outro lado, talvez muito mais grave do que a ausência pura e simples do referencial psicanalítico, no campo das pesquisas qualitativas, seja o fato de que, quando aí comparece, figura como “doutrina”, como “corpo teórico” estabelecido e fixo e não, como deveria ser, como método investigativo. Um dos textos que deixa este problema muito claro é um capítulo que um dos mais importantes autores de trabalhos sobre metodologia qualitativa, Ian Parker (2006), dedica à apresentação dessa abordagem, considerando explicitamente que pode figurar ao lado de outras metodologias tais como a etnografia, a análise de discurso, a abordagem narrativa e a pesquisa-ação. Neste texto, o autor começa recomendando muita atenção no uso da psicanálise porque esta tenderia inerentemente a fortalecer visões que culpam as vítimas de situações sociais opressoras por seus próprios infortúnios! Chega, mesmo, a afirmar que a psicanálise pode se constituir como ideologia que justifica a exploração econômica característica do sistema capitalista.

Nota-se, nas formulações que convergem com as desse autor, que não apenas derivam do temor de que a psicanálise sirva para a psicopatologizar e responsabilizar vítimas, como também de certo entendimento da noção de inconsciente, que poderia favorecer um verdadeiro desrespeito aos participantes. Trata-se, evidentemente, de preocupação compreensível num contexto epistemológico e ideológico que tem como bandeira retirar-los da condição de objetos a serem examinados, avaliados e medidos. Em outros termos, advertem quanto ao risco da visão de motivações inconscientes poder ser usada de modo provocar uma invalidação social daquilo que as pessoas comunicam nas entrevistas de pesquisa.

Ora, se a defesa de atitudes de respeito e consideração em relação aos participantes de pesquisas, que se realizam a partir de um modelo intersubjetivo de produção de conhecimento, são, em si mesmas, louváveis, há que ponderar que vinculá-las à necessidade de rejeição da dimensão inconsciente revela desentendimento sobre a contribuição essencial da psicanálise.

Entretanto, não podemos deixar de admitir, como psicólogos psicanalistas, que o mal-entendido tem suas raízes no modo como muitos, psicanalistas e não-psicanalistas, concebem a psicanálise. De fato, quando a identificam a um conjunto estabelecido de doutrinas, adentramos facilmente num campo marcado pelo dogmatismo e pelo autoritarismo, que podem ser associados a idéias de desconsideração e invalidação da expressão do outro. Confundir a psicanálise com um conjunto imutável de teorias corresponde, a nosso ver, num verdadeiro atentado contra sua potencialidade heurística, contra sua possibilidade de produzir conhecimento significativo sobre o humano.

Graças às convincentes, rigorosas e fundamentas formulações de Herrmann (1979), não temos dúvidas acerca do acerto da afirmação segundo a qual a psicanálise consiste, essencialmente, num método de investigação sobre processos concretos e encarnados de produção de sentidos emocionais. Esta concepção, que nos parece preciosa, segue gerando frutos e sustentando propostas investigativas de fenômenos que ocorrem dentro e fora de enquadres de atendimento clínico.

A nosso ver, o melhor casamento entre a psicanálise e a universidade se dá quando a primeira é adotada como método, sem obrigar adesão antecipada a teorias específicas. Isso é fundamental, porque não existe possibilidade de chegar ao novo se estamos comprometidos com a defesa desta ou daquela teoria instituída. É preciso que seja possível colocar a teoria instituída entre parênteses, em estado de suspensão, para que o novo possa emergir – justamente o mesmo movimento que o bom clínico utiliza na relação com seu paciente. A

psicanálise como método viabiliza a única articulação verdadeiramente fecunda com a pesquisa universitária, na medida em que esta última se define exatamente pelo cultivo de liberdade para rejeitar antigas idéias quando novos conhecimentos colocarem-nas em cheque. Trata-se, vejam bem, de combater modos submissos de lidar com o já estabelecido.

Mas o que se apresenta hoje como pesquisa acadêmica psicanalítica? Fabio Herrmann (1988) pronunciou-se sobre os tipos de trabalho que, no contexto acadêmico, definem-se como psicanalíticos, organizando claramente este campo. O que temos acompanhado, na universidade, são diferentes modalidades investigativas, diferentes tipos de pesquisas que se reivindicam como psicanalíticas. Uma delas consiste em estudos ditos "teóricos" sobre textos psicanalíticos; outra corresponde a pesquisas positivistas que abordam temas psicanalíticos; finalmente, o terceiro tipo é composto por trabalhos que fazem uso do método psicanalítico, dentro ou fora de dispositivos de atendimento.

O primeiro tipo de pesquisa corresponde a trabalhos com textos. Nestes o método é o da hermenêutica, seja este bem ou mal definido. Na nossa experiência, são raras, no campo da psicologia, boas descrições do método hermenêutico. Exceção interessante é o trabalho de Campos (2009), que defendeu doutorado sobre representação e afeto no segundo modelo tópico e pulsional freudiano. O texto psicanalítico é, aí, objeto de estudo. Estas investigações são importantes, mas, como se vê, versam sobre psicanálise.

O segundo tipo de pesquisas se alinha segundo os pressupostos da perspectiva quantitativa. Aqui são comuns o uso de instrumentos como testes e escalas. Sintonizado com este tipo de proposta, há um texto bastante didático, no qual Simon (1993) defende que a clínica psicanalítica seria um campo fértil de hipóteses que deveriam ser rigorosamente examinadas a partir de um desenho de pesquisa quantitativa.

O terceiro tipo de pesquisa se define pelo uso do método psicanalítico, dentro ou fora de *settings* de atendimento. Para dialogarmos com pesquisadores das ciências humanas, conquistando espaço em periódicos que valorizam metodologias qualitativas, deveríamos considerar tais iniciativas como “pesquisa qualitativa com método psicanalítico”.

As bases desse terceiro tipo de pesquisa estão bem estabelecidas, tanto numa vertente propriamente clínica, como na vertente denominada clínica extensa, que corresponde à investigação da sociedade e da cultura (Herrmann, 1979; 2001). Temos optado por realizar nossas investigações segundo esta configuração, que se presta bem aos nossos interesses, que incluem tanto a pesquisa extensa de imaginários coletivos e da experiência emocional de indivíduos e grupos vítimas de preconceitos, exclusão e humilhação social, como o estudo da potencialidade mutativa de enquadres diferenciados, por meio dos quais visamos fundamentar atendimentos psicológicos em contextos institucionais públicos, ampliando o alcance terapêutico do método psicanalítico.

No campo da psicologia, a pesquisa sobre potencialidade mutativa, ou eficácia clínica, pode ser feita de muitos modos, de modo positivista, mensurando mudanças, ou fenomenológico, por meio de entrevistas e depoimentos dos participantes. Fundamentando-nos na teoria dos campos, temos realizado, na Universidade de São Paulo, pesquisa sobre eficácia clínica de enquadres diferenciados, acompanhando sessões em termos de apreciação da sucessão de campos ou inconscientes relativos.

Nas pesquisas sobre imaginários coletivos e experiência emocional de pessoas excluídas, temos realizado entrevistas individuais e entrevistas coletivas, organizadas em termos do uso de recursos mediadores tais como o procedimento de desenhos estórias com tema, como dramatizações, narrativas interativas e outras. Estes recursos não são usados como testes para avaliação, a moda da pesquisa positivista, mas segundo as linhas do jogo winnicottiano do rabisco. Focalizamos

imaginários sobre loucos, deficientes, obesos, crianças adotadas, adolescentes, idosos, negros, homens tal como concebidos por diferentes grupos. Passamos a estudar, mais recentemente, a experiência emocional das vítimas sociais. Consideramos o material clínico resultante e em termos da produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional, o que permite a produção de conhecimento compreensivo e concreto que pode contribuir para a transformação da vida de indivíduos, grupos e comunidades.

Referências Bibliográficas

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. in Tsu, T. A Internação Psiquiátrica e o Drama das Famílias. São Paulo, EDUSP/Vetor, 1986.
- Campos, E. B. V. Representação e Afeto no Segundo Modelo Tópico e Pulsional Freudiano. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2009.
- Denzin, N. K. e Lincoln, Y. S. Qualitative Research. London, Sage, 2005.
- Herrmann, F. O Método da Psicanálise. São Paulo, EPU, 1979.
- Herrmann, F. Interpretação: a invariância do método nas várias teorias e práticas clínicas. In Figueira, S. A. (org.) *Interpretação: sobre o método da psicanálise*. RJ: Editora Imago, 1989. pp. 13.
- Herrmann, F. Andaimos do Real: Psicanálise do Cotidiano. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001.
- Kirk, J. e Miller, M. L. Reliability and Validity in Qualitative Research, London, Sage, 1986.
- Major, R. Etats généraux de la psychanalyse. Juillet 2000. Paris, Aubier Montagne, 2003.
- Parker, I. Qualitative Research. In P. Banister et al Qualitative Methods in Psychology: A Research Guide. London, Open University Press, 2006.
- Simon, R. Pesquisas Combinando Técnicas Projetivas e Psicanálise. In Lino da Silva, M.E. (org.) *Investigações em Psicanálise*. Campinas, Papirus, 1993.